

## MANIFESTAÇÕES DO COMUM NO BIXIGA, EM SÃO PAULO.

Pedro Camargo Russo (IC) e Luiz Guilherme Rivera de Castro (Orientador)

**Apoio:** PIBIC MackPesquisa.

### RESUMO

O presente artigo busca investigar as manifestações do comum no bairro histórico do Bixiga em São Paulo. Para isso, buscou-se analisar pontualmente organizações coletivas locais e entender suas principais pautas de discussões. São elas: o coletivo Salve Saracura, o Mobiliza Saracura Vai-vai e o grupo favorável a construção do Parque do Rio Bixiga. Como encaminhamento de pesquisa, foram levantadas as áreas de atuação de tais grupos e como manifestam suas principais questões. Como metodologia, foram consultados artigos científicos diversos nos quais é discutido o conceito do comum e como suas manifestações se apresentam na sociedade contemporânea. Para maior aproximação do bairro do Bixiga e das organizações coletivas ali presentes, foram realizadas consultas digitais a respeito de cada movimento, sendo nesse caso consultados tanto textos acadêmicos como redes sociais, onde são publicadas manifestos, propostas, rodas de conversa e atos favoráveis as pautas de cada movimento. Busca-se o entendimento das questões de cada movimento e de que maneira atuam no território do Bixiga.

**Palavras-chave:** comum urbano, Bixiga, organizações coletivas.

### ABSTRACT

This article aims to investigate the manifestations of the common in the historic neighborhood of Bixiga in São Paulo. To do so, a specific analysis of local collective organizations was carried out to understand their main discussion topics. These include the Salve Saracura collective, Saracura Vai-vai, and the group in favor of the construction of the Bixiga River Park. As a research approach, the areas of activity of these groups were identified, as well as how they express their main issues.

For the methodology, various scientific articles discussing the concept of the common and its manifestations in contemporary society were consulted. To gain a deeper understanding of the Bixiga neighborhood and the collective organizations present there, digital searches were conducted for each movement. This involved consulting both academic texts and social media platforms where manifestos, proposals, discussions, and actions supporting the agendas of each movement are published.

The aim is to comprehend the issues of each movement and how they operate within the territory of Bixiga.

**Keywords:** commons, Bixiga, collective organizations

## 1. INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade essencialmente capitalista, onde o lucro e o acúmulo de riquezas são prioritários em múltiplas esferas, sejam elas de caráter econômico, político e social. A lógica produtivista e mercadológica rege grandes partes das decisões tomadas nas grandes cidades, onde o individualismo e a exclusão se perpetuam, eliminando a possibilidade de construções coletivas. Em contrapartida às lógicas neoliberais vigentes, tem-se o conceito do comum.

A construção do comum dentro de sociedades democráticas vai além do simples direito de participação política. A ideia da coprodução, do “fazer junto”, é o que norteia a criação da “democracia do comum”. Mesmo que visto com ares de informalidade e insegurança por parte de autoridades políticas (independente do espectro político), uma sociedade pautada na coletivização de decisões pode ser uma alternativa na criação de cidades realmente democráticas.

Manifestações pelo comum podem ser identificadas nas grandes cidades. No Brasil, existem exemplos como o Parque Augusta, em São Paulo, e o Cais Estelita, em Recife. Ambos enfrentam situações semelhantes, onde tem-se um grupo de pessoas formado por moradores locais, arquitetos, advogados, intelectuais e artistas exigindo espaços a serem utilizados pela comunidade e outro grupo formado por incorporadoras e membros do setor imobiliário que propõe soluções excludentes voltadas para o desenvolvimento do capital.

No Bixiga, bairro localizado na cidade de São Paulo, não é diferente. Historicamente ocupado por população afrodescendente e posteriormente por migrantes italianos e nordestinos, o local é alvo constante de disputas entre a sociedade civil, que busca a preservação da memória e de espaços relevantes, e grupos empresariais, aliados algumas vezes ao Estado.

Tais organizações para que tenham suas pautas ouvidas e discutidas, necessitam de uma articulação de posicionamentos e uma organização clara de seus objetivos. É de extrema importância apresentar que os temas defendidos pelos coletivos são relevantes não só para o Bixiga, como para a cidade de São Paulo.

Dada as condições impostas pela pandemia de COVID-19, a capacidade de organização foi reduzida devido a limitação de encontros presenciais. Foi necessária uma adaptação para que as discussões seguissem sendo feitas. Nesse sentido, as redes sociais se mostraram como uma ferramenta potente para manifestar-se enquanto a presencialidade não era possível. Porém, ainda com o relaxamento das medidas de distanciamento, a organização por meio de ferramentas virtuais se manteve. O poder de alcance obtido é, sem dúvida interessante para os coletivos para que mais pessoas conheçam suas pautas e objetivos

A presente pesquisa busca identificar as principais manifestações do comum no Bixiga em São Paulo, os coletivos nelas envolvidos e suas principais pautas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto urbano atual, onde a atuação do Estado e do setor do privado gira em torno de princípios neoliberais e de políticas visando em suma maioria o lucro, é possível notar o surgimento de uma cidade cada vez mais desigual e individualista. Com o intuito de alterar essas lógicas, surge o conceito do comum urbano.

O comum urbano se baseia na ideia de apropriações urbanas constituídas fora da esfera pública e da lógica do setor privado. O espaço passa a ser uma construção coletiva, elaborada por frequentadores e apoiadores de intervenção. O foco deixa de ser a obtenção de capital a ser revertido em outros investimentos e passa a ser a qualificação de um território a partir de discussões e idealizações coletivas com o objetivo de constituir uma cidade mais justa e igualitária. (NAVARRO, 2016).

A manifestação do comum, como dito anteriormente, busca quebrar as lógicas mercadológicas que gerem o ambiente da cidade. Busca-se isso, a partir de práticas de autogestão comunitária, onde os interesses coletivos locais são os primeiros a serem levados em consideração quando decisões precisam ser tomadas. Logo, a principal ideia do comum é a construção coletiva de uma sociedade mais sadia.

Manifestações do comum rompem as barreiras do mundo físico, também integrando discussões dentro do mundo virtual. O acesso à informação, às ferramentas digitais e a conteúdos próprios também são alvos de exploração do capital. Empresas como Microsoft, Apple e Google são exemplos da criação de “cercamentos” no mundo digital. Porém, há quem acredite na criação coletiva mesmo na virtualidade. Exemplos disso são as licenças Creative Commons, que flexibilizam a ideia de Copyright (“todos os direitos reservados”) de produtores de conteúdo. Com o Creative Commons, fica a critério do autor quais direitos gostaria de exercer, facilitando assim a disseminação e a criação de novos conteúdos por outras pessoas (SAVAZONI, 2018). O autor afirma que:

“(…) simultaneamente a essa explosiva ocupação da internet pelos ‘dissidentes do capitalismo digital’ (...) ocorria a reação da poderosa indústria de mídia e entretenimento em defesa do cercamento desse bem que, quando digitalizado, torna-se intangível e incontrolável: a informação”. (SAVAZONI, 2018, p. 24, posição 245)

Trata-se de novas abordagens e atitudes por parte dos agentes sociais, implicando:

“(…) uma mudança de postura e comportamento diante da realidade, com a defesa de processos coletivos de viver e adoção de práticas colaborativas no cotidiano, também exige que enfrentemos o debate macroeconômico, por que o sistema vigente segue aprofundando a desigualdade e reproduzindo a pobreza, escorado em um modelo de desenvolvimento predatório.” (SAVAZONI, 2018, p. 21, posição 212).

Porém, devido ao processo de globalização vivenciado nas grandes cidades, é visível o avanço de ideais neoliberais na constituição do espaço e da sociedade como um todo. Em São Paulo, podemos citar o caso do bairro do Bixiga. Mesmo com tamanha importância histórica, com inúmeros bens tombados e de utilidade cultural, é possível notar o avanço do interesse imobiliário na região, atrelado com a construção de novas estações de Metrô no bairro. Processos como esse podem ainda que indiretamente iniciar um processo de gentrificação no local, expulsando seus atuais residentes e também causar danos ao meio ambiente, visto a existência de cursos d'água subterrâneos e limitada quantidade de solo permeável.

Organizações locais se articulam para inibir tais prejuízos, de uma maneira a provocar as pessoas ao seu redor a fazer parte do movimento em prol da comunidade. Ainda que existam pautas individuais para cada entidade, o bem coletivo sempre prevalece.

“(…) a experiência que vai sendo construída no processo de fazer em comum se transforma em um tipo de subjetividade em que o sujeito se reconhece como parte de um "nós", estando disposto a cooperar e a sentir como próprio aquilo que é produzido em conjunto.” (NAVARRO, 2016, p.144)

O artigo em questão busca identificar manifestações do comum, tanto em meios físicos como virtuais, a respeito do território do Bixiga.

### **3. METODOLOGIA**

Como metodologia de pesquisa, foram realizados alguns processos com o fim de identificar e compreender as manifestações do comum no bairro histórico do Bixiga.

#### **3.1) Revisão bibliográfica**

Foram feitas consultas a respeito do conceito do comum, o que era defendido e como seria o ideal de “cidade” a partir de sua linha de pensamento. Em seguida, foram verificados alguns estudos de caso, como o ocorrido no Parque Augusta em São Paulo (HORI, 2018). Posteriormente, foram consultadas fontes bibliográficas a respeito do bairro do Bixiga.

### **3.2) Consulta em redes sociais**

As redes sociais foram fundamentais durante a realização do processo de pesquisa. Durante o período de pandemia de COVID-19, as ferramentas digitais foram de grande importância para a manifestação de ideias e pautas relevantes que precisavam ser discutidas, já que os encontros físicos eram limitados para a segurança dos envolvidos. Através da web, eram e seguem sendo divulgados manifestos, rodas de conversas, vídeos informativos etc.

Com os coletivos atuantes no Bixiga não foi diferente e disfrutaram do espaço virtual para manifestar suas pautas, em diferentes redes, temas e frequência.

### **3.3) Percursos no território**

Foi realizada uma incursão no território com o objetivo de verificar alguns pontos relevantes para a pesquisa no território, como o terreno ao lado do Teatro Oficina, hoje propriedade do Grupo Silvio Santos, a Praça 14 Bis e arredores, e também a região da Rua Rocha, Rua Cardeal Leme e Rua Almirante Marques Leão.

### **3.4) Conversas informais**

Foi possível encontrar informalmente uma das ativistas do Mobiliza Saracura-Vai vai, de maneira que pudesse explicar como se iniciou o movimento em questão e como é feita a articulação com os outros coletivos presentes no Bixiga

## **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

Durante todo o processo de pesquisa buscou-se identificar e interpretar manifestações do comum no território do Bixiga, em São Paulo. Em um bairro histórico como tal, as pautas ali discutidas são diversas, porém de alguma maneira se coincidem, pois manifestam o desejo de preservação das raízes históricas da região e novas maneiras de desfrutá-la.

Entre os principais movimentos locais que colocam tais pautas em suas discussões e se apresentam mais ativos atualmente, são o Salve Saracura, o Mobiliza Saracura Vai-Vai e o Parque do Rio Bixiga, que foram selecionados para serem estudados mais profundamente.



Mapa 01. Vista aérea do distrito da Bela Vista, com marcação da área de atuação dos coletivos.

Fonte: Elaboração própria

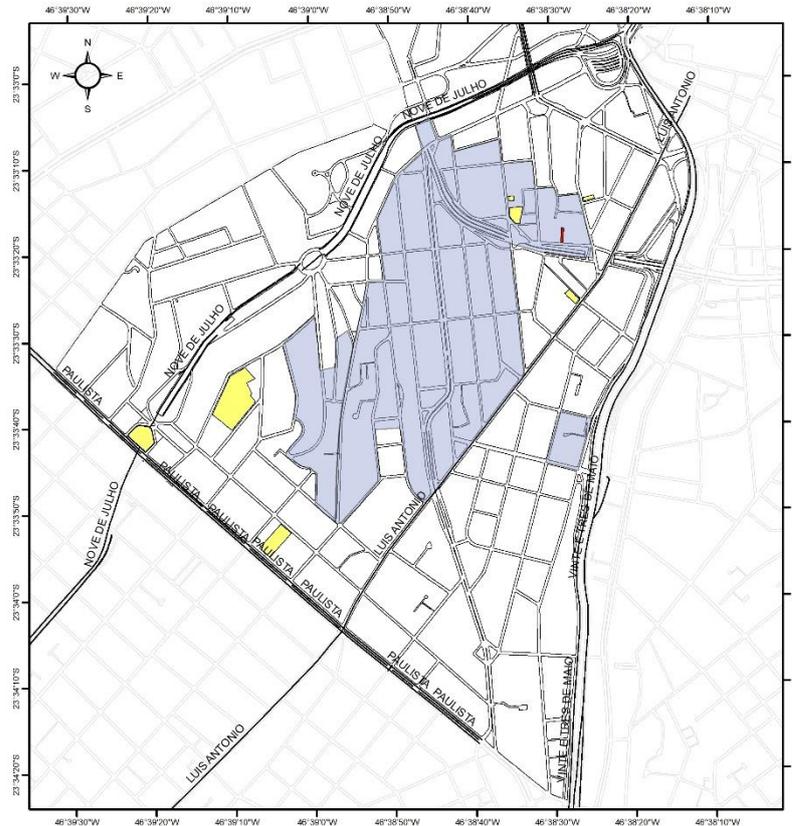
Importante destacar que, por mais que tenham suas pautas individuais, há uma integração muito grande entre todos os coletivos e organizações do bairro do Bixiga, com o intuito de apoiarem uns aos outros em suas respectivas lutas.

#### 4.1. **Salve Saracura**

O Salve Saracura é um coletivo multidisciplinar, auto-gestionado de cuidado das águas e território do Bixiga. Tem como missão a conservação das nascentes e cursos de água do Rio Saracura.

Saracura são os rios presentes na Grota do Bixiga (tendo em vista a divisão em Saracura Pequeno e Saracura Grande), que historicamente limitaram o tecido urbano "oficial" da urbanização que deu origem ao bairro da Bela Vista.

A região da Grota do Bixiga se encontra protegida segundo a resolução 22/2022 emitida pelo CONPRES, para o tombamento da Bela Vista e por seu enquadramento em uma área de ZEPEC (Zona Especial de Preservação Cultural), segundo o Plano Diretor Municipal de 2014.



Mapa 02: demarcação da Resolução 22/2002 pelo CONPRESP. Fonte: Dirceu Cadena

Por mais que se encontrem protegidos por estâncias municipais, existe uma crescente pressão por parte do mercado imobiliário para construir novos projetos nas poucas áreas livres e permeáveis deste vale, onde se encontram os terrenos que abrigam as nascentes do rio Saracura (CESAR DE VASCONCELLOS ANÉAS, A.; MUNIZ, C.; HIME FUNARI, R., 2023).

Em oposição a isso, surge o Coletivo Salve Saracura, que, desde julho de 2019, quando foi criado por locais e simpatizantes do bairro, reivindica a preservação e recuperação das nascentes do rio Saracura, a conservação da paisagem da Grota como um todo e dos modos de vida do bairro, bem como a manutenção da população residente. Promovem, junto de associações e entidades tradicionais do Bixiga ações ecológicas, artísticas e culturais, buscando proteger essa paisagem ameaçada e reafirmar o reconhecimento da importância do rio Saracura tanto na paisagem quanto na realidade social do bairro.

Desde sua criação em 2019, o coletivo acompanha a possível aprovação de novos empreendimentos imobiliários. Se tratam de projetos verticais de grande escala, destinados a população de alta renda com muitos níveis de subsolo, não compatíveis com a morfologia urbana presente na região da Grota. Tamanhos empreendimentos afetam a paisagem local, os lençóis freáticos ali presentes e as zonas verdes.



Figura 01: novos empreendimentos na região da Grotta do Bixiga. Fonte: Salve Saracura. 2020.

Paralelo a isso, grupos vinculados ao mercado imobiliário afirmam que movimentos como o Salve Saracura são contrários ao progresso e ao desenvolvimento do bairro. Ou seja, qualquer manifestação favorável a preservação do patrimônio seria uma espécie de manifesto para a cidade “parar no tempo”.

Pelo contrário, o coletivo defende o patrimônio ambiental e cultural vivo da Grotta do Bixiga, o fortalecimento dos instrumentos de declaração como patrimônio e de zoneamento, e a permanência da população, especialmente das famílias de baixa renda, de seus modos de vida e de suas manifestações culturais. Além de reivindicar junto ao poder público, suas ações têm como foco a educação patrimonial, que ocorre quando os sujeitos sociais participam das decisões de salvaguarda dos bens e locais aos quais são atribuídos valores.

As manifestações favoráveis à preservação da região ocorrem tanto de maneira presencial no território como no mundo virtual, com o objetivo de alcançar a maior de quantidade pessoas



Figura 02. Moradores do Bixiga se manifestam contra a construção de novos empreendimentos no bairro. Foto: Folha de São Paulo.

As manifestações favoráveis à preservação da região ocorrem tanto de maneira presencial no território como no mundo virtual, com o objetivo de alcançar a maior de quantidade pessoas para apoiarem suas pautas.

debate iabsp

## grota do bixiga em debate

live no youtube do IABsp  
terça-feira  
18 de maio  
às 19h  
[youtube.com/iabsp](https://youtube.com/iabsp)

Convidados

**Coletivo Salve Saracura**  
**Eneida de Almeida e Flávia Brito**  
Representantes do IAB no Conpresp

**Flávia Peretto**  
Coordenadora adjunta da Comissão de Patrimônio Cultural do CAU-SP e ex-representante da SMUL no Conpresp

**Maria Emilia Nascimento**  
Diretora DPH

**Raquel Rolnik**  
LabCidade

**Renato Anelli**  
Representante do IAB no Condephaat

**Simone Scifoni**  
Casa de Dona Yaya, CPC USP

Realização



Figura 03. Debate virtual promovido pelo IAB-SP, em maio de 2021. Fonte: Youtube IAB-SP



Figura 04. Divulgação via Instagram de reunião para discutir a situação que se encontra a região da Grotta do Bixiga. Fonte: Instagram Salve Saracura

O grupo segue ativo em suas atividades e trabalha juntamente com outros coletivos para a preservação do Bixiga. Conta também com o apoio de outras instituições representativas como o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), universidades e outras organizações da sociedade civil.

#### 4.2. Mobiliza Saracura Vai-vai

O Mobiliza Saracura/Vai-Vai é uma articulação que reúne diversos coletivos, blocos de Carnaval, organizações do movimento negro nacionais, grupos de pesquisa acadêmica, moradores, sambistas, pesquisadores de diversas áreas, em prol da preservação do Sítio Arqueológico Saracura/Vai-Vai.

Na região da atual praça 14 Bis, onde estão sendo feitas as escavações para a futura estação da Linha 6 Laranja do Metrô, foram encontrados resquícios arqueológicos que indicam a presença de um quilombo urbano na região, em abril de 2022.

O quilombo, conhecido como “Pequena África”, ocupava as margens do Rio Saracura e abrigava escravos fugitivos e seus descendentes, desde o início do séc. XIX.

“Foram resgatados pedaços de louças, fragmentos de vidro e de material construtivo, dentre outros. A pesquisa apontou a possibilidade de que os materiais provenientes do sítio possam pertencer ao Quilombo urbano “Saracura”. Para a constatação dessa hipótese, o Iphan solicitou

a complementação dos estudos em andamento, de modo a incluir o Movimento Civil Mobiliza Saracura Vai-Vai, que defende o legado do Quilombo que existia na região. O Movimento participou do cronograma de visitas ao longo das escavações arqueológicas.” (IPHAN, 11 mai. 2023)

O movimento Mobiliza Saracura Vai-Vai tem três eixos de atuação: a localização dos achados para estabelecer e poder contar a história do local, a nomeação da estação com o nome de Saracura-Vai-Vai e a criação de um memorial que conte a história e a memória negra no bairro.

Trabalhos acadêmicos, como o realizado pelo antropólogo Alessandro Luís Lopes Lima, já apontavam para a existência do quilombo na região.

“Os Campos do Bixiga correspondiam a todo espaço entre às Ruas Santo Amaro e da Consolação no século XIX, lugar com densa vegetação e onde perseguiam os foragidos da escravidão colonial. A densa mata da região do Caanguçu, no atual bairro Bela Vista (Bixiga), e seus vales nas divisas das propriedades rurais, ofereciam refúgio seguro aos fugitivos da escravidão (FREITAS, 1978, p. 21; WISSENBACH, 1998, p. 153). Segundo os estudos de Nuto Santana, no século XVIII a preocupação com os quilombolas nos arredores de São Paulo era um assunto presente nas atas da Câmara Municipal (BRUNO, 1954, p. 358).” (DE LIMA, 2019, p.6)

(...)

“O historiador Ernani S. Bruno identificou nas Atas da Câmara Municipal, um requerimento de 1831, pedindo ao poder público municipal para fechar as passagens por onde corria o Rio Anhangabaú (o Saracura é afluente desse rio e frequentemente era chamado de Anhangabaú), por que nas margens habitavam ladrões e escravizados foragidos e aquilombados (BRUNO, 1954, p. 738; LUCENA, 1984, p. 24). Eram comuns nesse período as restrições públicas aos negros, como a proibição de andarem armados paus e pedras e a que obrigavam os moradores cortar o mato nas praças, evitando esconderijos para os fugitivos (DIAS, 1984, p. 120).” (DE LIMA, 2019, p.7)

Desde o encontro de vestígios em abril de 2022, o seguimento das escavações ocorre com o acompanhamento de uma equipe de arqueologia para fiscalizar e garantir a preservação dos artefatos encontrados.

O movimento faz questão de ressaltar que não se apresenta de maneira contrária às obras do Metrô, uma vez que se trata de uma infraestrutura de grande utilidade para o bairro. Porém, se apresenta de maneira contrária ao apagamento histórico da presença negra na região e a gentrificação que desconsidera os modos de vida presentes no Bixiga, que dão a ele suas características tão marcantes.

Durante o processo de pesquisa, foram feitos alguns registros fotográficos na região da obra da futura Linha 6 – Laranja do Metrô e seus arredores. Foi possível documentar as manifestações do Mobiliza Saracura Vai-vai nas redondezas, principalmente através de lambes fixados nos tapumes.

Ainda que a sede do G.R.C.S.E.S. Vai-vai tenha sido demolida para a construção das obras do Metrô, é possível notar sua presença no bairro, em pinturas nas paredes de estabelecimentos e pequenas rodas de samba no bairro.



Figura 05. Praça 14 Bis com tapumes, onde estão fixados lambes do coletivo.

Foto: Pedro Russo



Figura 06. Vista para o canteiro de obras da Linha 06- Laranja do Metrô, a partir da Rua Cardeal Leme. Foto: Pedro Russo

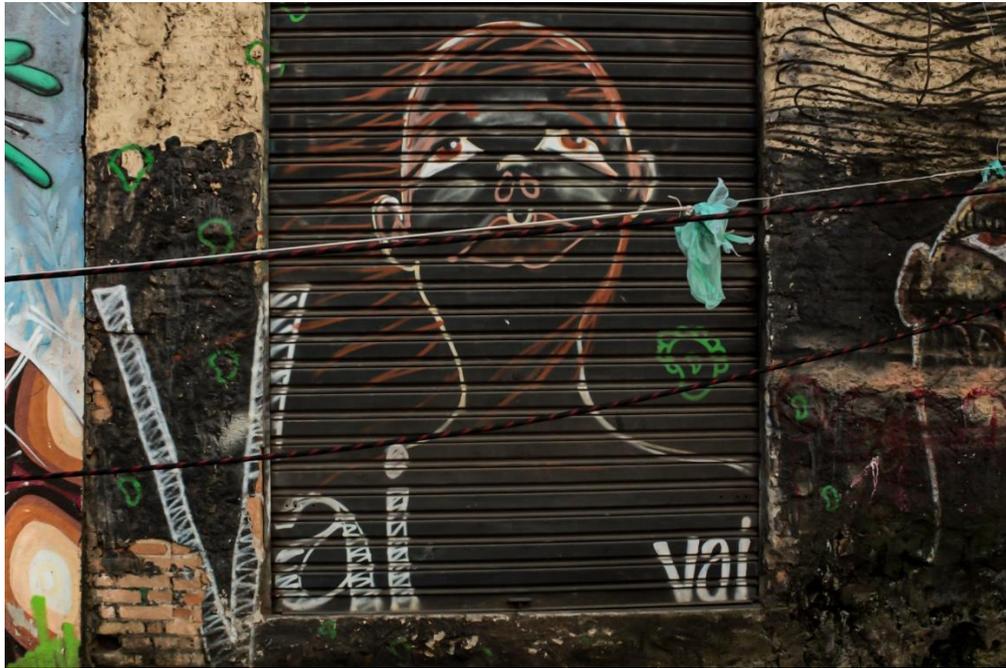


Figura 07. Grafitti na Rua Cardeal Leme, em homenagem a Vai-vai. Foto: Pedro Russo

## Saracura Vai-Vai

**REVISA O LICENCIAMENTO, IPHAN!**

REVISA O LICENCIAMENTO, IPHAN!  
PELA HISTÓRIA NEGRA DO BIXIGA!  
PELA MEMÓRIA E PELA GARANTIA DE FUTURO!  
EM RESPEITO AO QUILOMBO DO SARACURA!

EM 2020, UM LICENCIAMENTO AMBIENTAL FOI CONCEDIDO, À REVELIA DA LEGISLAÇÃO, LIBERANDO A OBRA DA LINHA 6-LARANJA DO METRÔ NA REGIÃO DO ANTIGO QUILOMBO DO SARACURA, SEDE DA ESCOLA DE SAMBA VAI-VAI, NASCIDA ALI EM 1930.



METRÔ SEM DESTRUIÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA PRESERVAR O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SARACURA

Figura 08. Post divulgado via Instagram. Fonte: Instagram Mobiliza Saracura/ Vai-vai

# Saracura Vai-Vai



Figura 09. Post divulgado via Instagram. Fonte: Instagram Mobiliza Saracura/ Vai-vai

O coletivo, que completou recentemente um ano de existência, segue também muito ativo nas redes sociais, divulgando seus encontros e suas pautas. Busca através de suas ações estimular uma educação patrimonial para que os residentes do Bixiga entendam onde estão e o que está em jogo. A organização não é dividida de maneira hierárquica, onde todos os integrantes possuem o mesmo peso nas decisões.

### 4.3. Parque do Rio Bixiga

Para compreender a ideia do Parque do Rio Bixiga, é necessário compreender o contexto em que ele se engloba. O terreno em questão se localiza ao lado do Teatro Oficina, na Rua Jaceguai, projeto de Lina Bo Bardi. O projeto original do teatro, datado de 1992, previa a utilização do terreno ao lado como uma área de livre fruição, destinado para a realização de atividades teatrais.

No entanto, esse projeto enfrenta há 40 anos um embate com os proprietários do terreno: o grupo Silvio Santos. Nos anos 2000, o grupo propôs a construção de um shopping e posteriormente a construção de três torres multiuso, incluindo residências, com mais de 100 metros de altura. Porém, a resistência não só do teatro, mas também de moradores e de movimentos sociais da própria região do Bixiga impediu, até agora, a construção de tais edificações, além de reivindicarem a criação de um parque.

A disputa ganhou traços de formalidade em 2017, quando os então vereadores Gilberto Natallini e Sâmia Bonfim protocolaram um projeto de lei (PL 805/2017) para a criação do parque e, após alguns anos, em fevereiro de 2020 foi aprovado em segunda votação. Porém, o mesmo foi barrado pelo então prefeito em exercício Eduardo Tuma, alegando que a criação do parque invadia questões que fugiam do controle do executivo, já que se tratava de terrenos particulares e por não contar com quantidade de vegetação remanescente da Mata Atlântica suficiente. Tal decisão foi questionada por Natallini, que tomou como exemplo o Parque Augusta, que foi construído a poucos metros dali sob termos muito semelhantes.

Paralelo a isso, o Grupo Silvio Santos conseguiu liberações dos órgãos de patrimônio para erguer os seus projetos. Se efetivadas tais construções, fariam com que o Teatro Oficina recebesse sol durante apenas duas horas por dia.

Recentemente, um novo projeto (PL 425/2021) foi apresentado pelo então vereador Eduardo Suplicy e até o momento não foi colocado em discussão.



Figura 10. Proposta para o Parque do Rio Bixiga. Fonte: Veja SP

Após mais de 40 anos de luta, Zé Celso, dramaturgo responsável pelo Teatro Oficina, vem a falecer, porém sua luta pelo Parque do Rio Bixiga segue mais viva do que nunca, tanto por integrantes do teatro, moradores da região e membros da sociedade civil como um todo.



Figura 11. Ato favorável à criação do parque. Fonte: Casa 1

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a existência de tais organizações coletivas no bairro do Bixiga, além das muitas que se mostram presentes no território, é possível afirmar que as relações interpessoais ali construídas têm o intuito de transformar o território como um local da comunidade. Por mais que existam grupos diversos com diferentes interesses, nota-se um grande poder de articulação entre eles.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDÉS, Ana Méndez de; HAMOU, David; APARICIO, Marco. Códigos Comunes - Herramientas jurídicas para comunalizar la ciudad y democratizar lo público. Barcelona: Observatori Desc, 2019. Disponível em <https://observatoridesc.org/ca/download/file/fid/2712>. Acesso em 5 mar 2021.

ANDÉS, Ana Méndez de; HAMOU, David; APARICIO, Marco (eds.) Códigos comunes urbanos. Herramientas para el devenir-común de las ciudades. Barcelona: Icaria, 2020.

CASA 1. Parque do Rio Bixiga é tema de audiência na Câmara de SP. Disponível em: <<https://www.casaum.org/parque-do-rio-bixiga-e-tema-de-audiencia-na-camara-de-sp/>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CASTRO-COMA, Mauro; MARTÍ-COSTA, Marc. Comunes urbanos: de la gestión colectiva al derecho a la ciudad

CESAR DE VASCONCELLOS ANÉAS, A. .; MUNIZ, C.; HIME FUNARI, R. Los desafíos de la preservación a través de los meandros del Saracura en Bixiga, San Pablo. Revista Historia y Patrimonio, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–24, 2023. DOI: 10.5354/2810-6245.2023.70211. Disponível

em: <https://rhp.uchile.cl/index.php/RHP/article/view/70211>. Acesso em: 15 ago. 2023.ad. eure (Santiago), v. 42, n. 125, p. 131-153, 2016.

DE LIMA, Alessandro Luís Lopes. Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bixiga: Vestiges of a Quilombo in São Paulo: an analysis of the archeological landscape of the Bixiga neighborhood. Argumentos-Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, v. 17, n. 1, p. 153-177, 2020.

Dirceu Cadena, « IGEPAC-Bela Vista e o tombamento do Teatro Oficina: Representação, governo e contestação no Bixiga », Confins [En ligne], 51 | 2021, mis en ligne le 28 août 2021, consulté le 19 août 2023. URL : <http://journals.openedition.org/confins/38563> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/confins.38563>

HORI, Paula. Práticas urbanas transformadoras: o ativismo urbano na disputa por espaços públicos na cidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Dissertação de mestrado.

Moradores do Bexiga reclamam de obra em região preservada no centro de SP. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/02/moradores-do-bexiga-reclamam-de-obra-em-regiao-preservada-no-centro-de-sp.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NAVARRO, Mina Lorena. Hacer común contra la fragmentación en la ciudad. Experiencias de autonomía urbana. Puebla (Mx.): Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades “Alfonso Vález Pliego” de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2016.

Nota do Iphan sobre o sítio arqueológico Saracura, na área da Estação 14 Bis. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/nota-do-iphan-sobre-o-sitio-arqueologico-saracura-na-area-da-estacao-14-bis-1>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SAVAZONI, Rodrigo. O comum entre nós (Coleção Democracia Digital) (p. 170). São Paulo: Edições Sesc SP. Edição do Kindle (e-book).

SOMEKH, Nadia; SIMÕES JR., José Geraldo (org). Bexiga em três tempos. Patrimônio histórico e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Romano Guerra, 2020.

Sonho de Zé Celso, Parque do Bixiga teve lei barrada por gestão Nunes. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sp-parque-do-bixiga-ricardo-nunes-veto-lei>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

STAVRIDES, Stavros. Common Space. The City as Commons. London: ZED Books, 2016.

TAN, Pelin. “An Interview with David Harvey: Practice of Commoning”. Disponível em: <<http://tanpelin.blogspot.com.br/2013/03/an-interview-with-david-harvey-practice.html>>.

Acesso em: 19 mar. 2018.

VVAA. Producir lo común - entramados comunitarios y luchas por la vida. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

**Contatos:** [pedrorusso0903@gmail.com](mailto:pedrorusso0903@gmail.com)/ [luizguilherme.castro@mackenzie.br](mailto:luizguilherme.castro@mackenzie.br)